



20º Congresso de Iniciação Científica

LAZER, PRÁTICAS CORPORAIS E CULTURA: REVISÃO DE CONCEITOS

Autor(es)

ÍTALO MATHEUS MALIGERE DE SOUZA

Orientador(es)

CINTHIA LOPES DA SILVA

Apoio Financeiro

FAPIC/UNIMEP

1. Introdução

Vários indivíduos ou grupos da sociedade realizam uma manifestação corporal com objetivos diversificados. Entendemos que tais manifestações são uma prática corporal. Investigar esse universo das práticas corporais seria um alvo além de pertinente é bem interessante. Pertinente porque nos possibilita averiguar atos e atividades que, a princípio, apenas parecem possuir os sentidos que a mídia lhe atribuiu, mas quando vistos com mais atenção e abordadas não como simples atividades corporais, mas como uma forma de manifestação corporal, nota-se uma complexidade como qualquer outro tipo de manifestação corporal. É essa complexidade que torna o processo analítico interessante, pois nos permite romper com maneiras de pensar que estão consolidadas no senso comum, como por exemplo, a própria noção de que o exercício de uma determinada prática corporal, como por exemplo, a musculação, só possui para seu praticante um sentido estético-corporal. Logo, foi considerando que nem tudo é o que parece, ou melhor, nem tudo possui os sentidos que lhe são atribuídos pela mídia e/ou que são cristalizados pelo senso comum que buscamos compreender as práticas corporais. As práticas corporais são componentes da cultura corporal dos povos, dizem respeito ao homem em movimento, aos seus gestos e ao seu modo de se expressar corporalmente. Nesse sentido, agregam as mais diversas formas do ser humano se manifestar por meio do corpo e englobam as duas racionalidades: a ocidental com as ginásticas, esportes e caminhadas e a oriental, com o tai-chi, yoga, lutas, etc (CARVALHO, 2006). Um ponto importante que podemos destacar é que algumas modalidades, de esportes e de práticas corporais podem fazer sentido para um grupo e para outro não. Isso porque todo componente da cultura corporal possui valores, sentidos e significados. Por exemplo, um jogo de futebol é uma modalidade com a qual o povo brasileiro se identifica, já o xadrez, o pólo e a esgrima não. É por elas serem um componente da cultura que podemos nos voltar para a antropologia buscando algumas colaborações que o conhecimento desta área do saber pode contribuir aos estudos da prática corporal. Sabemos que é por intermédio da etnografia que antropólogos buscam decodificar uma lógica que, muitas vezes, é própria de seus habitantes, e por isso, só é entendida por eles. Muitas vezes, após algum tempo de observação e de estudo, alguns pesquisadores percebem que determinadas práticas possuem sentidos e significados que não são limitados apenas a ela, mas expande-se a toda sociedade, como por exemplo, as rinhas de galo em Bali (GEERTZ, 1989). Analisando o universo das práticas corporais a partir do procedimento etnográfico podemos citar o trabalho Marco Paulo Stigger, Esporte, lazer e estilos de vida um estudo etnográfico. Nesta obra, Stigger (2002) analisa o cotidiano de três grupos de indivíduos que são adeptos de uma prática corporal, na cidade do Porto, em Portugal: Grupo do Castelo; Caídos na Praia e Anônimos. O objetivo de Stigger consistia em não apenas compreender o esporte praticado por grupos de desportistas particulares, mas sim, através da análise particular, oferecer subsídios para uma maior compreensão deste fenômeno cultural (2002, p.06). Devemos frisar a maneira como ele interpreta a prática desportiva, e conseqüentemente aquilo que denominamos como prática corporal. Para Stigger (2002), essas práticas estão dispostas por toda a sociedade e por isso constituem as

opções de lazer das pessoas comuns. É uma prática social difundida por todo o mundo, praticada das mais variadas formas e por diversos tipos de pessoas, as quais, em grande parte, inserem-se entre as suas opções de atividades de lazer (2002, p. 03). Tributam-se a isto os sentidos e significados que são construídos e atribuídos a estas práticas. Logo, ao se voltar para um determinado grupo, realizando um trabalho etnográfico, Stigger (2002) busca compreender a dimensão da prática corporal como um fenômeno cultural, bem como busca entender esta atmosfera de significados que é criada por quem pratica. Esta procura por significados e sentidos atribuídos à prática corporal pelos seus praticantes remete-nos a uma perspectiva que opera através de uma concepção de heterogeneidade. Podemos visualizar o que seria essa heterogeneidade, tendo como base o trecho abaixo: Para Bourdieu, quando socialmente realizado e encarnado nos atores sociais, um esporte que é conhecido por um determinado nome (futebol ou tênis, por exemplo) pode receber diversos sentidos (até opostos) determinados pelo que ele domina efeito de apropriação. Neste sentido, no uso que cada grupo atribui a um esporte, propõe objetivamente a sua interpretação deste esporte, que podem ser diferente do sentido dominante, ou seja, aquele que é estabelecido pelos seus usuários dominantes (numérica ou socialmente). Mesmo sendo marcada pelo uso dominante (uma pelada de futebol não deixa de ser futebol), a elasticidade que a definição técnica desta prática esportiva (futebol) apresenta permite mudar o seu sentido numa possibilidade de usos diversos (BOURDIEU apud STIGGER, 2002, p. 32-33). Logo, essa heterogeneidade com que Stigger (2002) opera é nada mais do que levar em consideração a capacidade do praticante modificar os sentidos e significados, tidos como dominantes e inalteráveis, à prática corporal que exerce. Ou seja, é evidenciar, num primeiro momento, o praticante como indivíduo ativo na construção de sentidos e significados. Além disso, num segundo momento, é considerar que nenhuma prática está definida a ponto de ser inalterada, mas sempre está aberta, sujeita a novas atribuições de valores. Deste modo, justifica-se a metodologia utilizada pelo pesquisador, baseada nos procedimentos etnográficos de pesquisa em campo, realização de entrevistas e elaboração de relatórios. As práticas corporais desempenhadas pelos três grupos são baseadas em duas modalidades esportivas: o futebol e o voleibol. Para Stigger (2002), as práticas corporais são menos rígidas com as regras, o que a torna diferente do esporte profissional. Nas palavras do autor: um olhar de dentro, entretanto, permite identificar vários aspectos que sendo adaptações vinculadas aos interesses e possibilidades de cada grupo em particular diferenciam os universos estudados entre si, mostrando diferenças na sua relação com o esporte, como ele é hegemonicamente praticado e definido nas competições esportivas oficiais (STIGGER, 2002, p. 177). O trecho evidencia que as práticas corporais são desempenhadas dentro de um universo de significados específicos para cada praticante. Alguns deles associam o exercício das atividades à questão de saúde, outros a uma forma escape para aliviar as pressões da vida contemporânea, por outro lado, alguns indivíduos apontam à questão do prazer fruto da prática corporal como o motivo dele desenvolver a atividade e integrar o grupo. Destaca-se nos três grupos analisados por Stigger (2002) o fato de poucos indivíduos afirmarem que ao exercer a atividade visavam à vitória, esta aparece na maioria das falas dos indivíduos como algo que não determina a partida. Eles justificam a atividade pela busca do divertimento, ou em outras palavras, jogam por jogar. Por intermédio do trabalho de Stigger (2002) podemos visualizar uma das contribuições da antropologia para o estudo das práticas corporais. Essa consiste no interesse em que esta área do saber possui pelos significados e sentidos de ações sociais, no nosso caso, as práticas corporais. Stigger ao munir-se de uma análise baseada em preceitos da etnografia ele busca mais do que só saber qual atividade o grupo exerce, ele procura entender quais os sentidos e significados dessas atividades para cada um dos seus praticantes. Outra contribuição provinda dos estudos antropológicos à cultura remete-nos a questão da educação no processo de construção do indivíduo. Educação, aqui, está associada à ideia de inserção do indivíduo numa determinada sociedade, porém, esta inserção se dá pela aprendizagem dos padrões de comportamento, das normas, de valores e crenças (LARAIA, 1996). Aprender sobre esses códigos é fundamental para que o indivíduo venha tornar-se um sujeito de uma dada sociedade. A todo esse processo Melville Herkovits nomeou de endoculturação. Esta está presente na vida do indivíduo desde seu nascimento até a sua morte. Contudo, existem modos de posicionamento do indivíduo em relação a ela e que são diferentes, variam de acordo com as faixas etárias (infância, adulto, e velhice). Segundo Mello (1987), na infância há uma tendência em absorver o máximo de dispositivo simbólico de uma determinada cultura, é isso que lhe permite comunicar com outros indivíduos membros da mesma sociedade/cultura tornando-lhe um membro também. Na fase adulta, o processo de endoculturação continua, mas não ocorre da mesma forma que na infância, pois o indivíduo passa a analisar aquilo que lhe é ofertado. Ilustrativamente, podemos dizer que na infância o indivíduo assemelha-se a uma esponja que absorve tudo, e na fase adulta à uma peneira, permitindo a passagem de determinados atributos e impedindo a de outros. Já na terceira fase da vida, a velhice, esta seleção dos atributos passa a ser mais rigorosa. Nesta fase da vida, o indivíduo raramente aceita uma reformulação, a cultura interiorizada está cristalizada e impermeável às novas sugestões da cultura provocadas pelas novas situações (MELLO, 1987, p. 89). Podemos dizer que a endoculturação é um movimento de educar o sujeito para que ele possa viver socialmente e que estará presente em toda sua vida. A transmissão de códigos e normas faz parte deste processo. No entanto, devemos destacar que o modo como o indivíduo encarará este conjunto de significados (referentes a atividades desempenhadas de acordo com seu sexo) passará por mudanças de acordo com a interpretação que o sujeito possui sobre este conjunto. Esse processo de transmissão de valores e de inserção do indivíduo num movimento educacional pode ser visto nas práticas corporais. Afinal o sujeito ao se dispor a realizar uma determinada prática ele conscientemente, ou inconscientemente, está submetendo-se à endoculturação.

2. Objetivos

O objetivo geral consistiu em compreender o que seriam práticas corporais e a maneira como elas estão sendo abordada em pesquisas realizadas, principalmente, pela área referente à Educação Física. Para adentrar neste universo e caminhar sem muitos tropeços foi necessário ter uma compreensão sobre do que se tratava a prática corporal e o modo como elas estão sendo apreendidas em estudos.

Acrescenta-se como objetivo desta pesquisa a relação existente entre a realização das práticas corporais com o lazer. De modo mais específico, podemos dizer que nosso objetivo consistiu em analisar quais seriam as contribuições que são tributárias da Antropologia, especialmente, como a noção de cultura acaba contribuindo para a análise das práticas corporais.

3. Desenvolvimento

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, tendo como referência as análises: textual, temática, interpretativa e crítica, com base nas ideias de Severino (2007). A pesquisa foi efetuada a partir de um levantamento bibliográfico nos Sistemas de Bibliotecas da UNIMEP e da UNICAMP, correspondente às obras de autores da Antropologia, da Educação Física e do Lazer. Para a realização deste levantamento foram consultados livros, dissertações, teses e periódicos. Esse levantamento teve como finalidade identificar e analisar as contribuições do conceito de cultura antropológico para os estudos do lazer e das práticas corporais na sociedade atual e atualizar o debate acadêmico com relação a esses fenômenos sociais.

4. Resultado e Discussão

Por meio da análise realizada podemos visualizar que os indivíduos possuem um papel importante na construção daquilo que denominamos como cultura. Pontua-se aqui que a noção que adotamos para operar com a concepção de cultura provém da antropologia e baseia-se na abordagem desta como algo dinâmico e em constante processo de transformação. Além disso, deixamos de lado a engessada idéia de tratar a cultura com C maiúsculo, cuja utilização denota a algo que possui uma característica preponderante, única, central. Em substituição adotamos o termo culturas, com o c em letra minúscula e no plural, estas características referem à ideia de que não a um centro irradiador de cultura, porém, todos os espaços sociais a produzem e são propícios as suas manifestações. Essa apropriação nos possibilitou enxergarmos como as questões de identidades e o processo de endoculturação estão presentes nas práticas corporais.

5. Considerações Finais

As contribuições oriundas da área antropológica para o estudo das práticas corporais são importantes e pertinentes. Revelam-nos como os indivíduos são ativos na construção de sentidos e significados e que a cultura está num constante processo de construção, ou seja, ela não é algo fechado. Além disso, devemos salientar os benefícios provindos da utilização da etnografia. Este modo de proceder em uma pesquisa permite ao investigador permear com certa segurança, por mais densos que sejam, os campos da cultura.

Referências Bibliográficas

CARVALHO, Y. M. Promoção da Saúde, Práticas Corporais e Atenção Básica. Revista Brasileira de Saúde da Família. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em: [\)\(portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/revcapa5.pdf\)](http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/revcapa5.pdf). Acesso em 11 set. 2012.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos (LTC), 1989.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. In: GONZÁLEZ, F. J.; SILVEIRA, R. da; STIGGER, M. P. (org.). O Esporte na cidade Estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007, pp. 13-30.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. SP: Editora DP&A, 9º ed., 2004;

LAZZAROTTI, A. F.; SILVA, A. M.; ANTUNES, P. C.; SILVA, A. P. S.; LEITE, J. O. O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física. Revista Movimento, v.16 n.1, 2010, p.11-29. Disponível em: . Acesso em 15 ago 2011.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Estudos do Lazer uma introdução. Campinas SP: Editora dos Autores associados. 2000

MELLO, Luiz Gonzaga de. Antropologia Cultural: Iniciação, teorias e temas. RJ: Editora Vozes, 8ª Ed., 2001.

SILVA, A. M.; DAMIANI, I. R. (org). Práticas Corporais. Volume I. Florianópolis: Nauembla Ciência & Arte, 2005.

STIGGER, Marco Paulo. Esporte, lazer e estilos de vida um estudo etnográfico. SP: Editora dos Autores Associados, 2002.